

ZELIZER, Viviana A. 2011. *A negociação da intimidade*. Coleção Sociologia. Tradução de Daniela Barbosa Henriques. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. 310 pp.

Camila Fernandes

Doutoranda PPGAS/ Museu Nacional/ UFRJ

A partir de um forte diálogo entre sociologia e economia, Viviana Zelizer apresenta *A negociação da intimidade*, um livro que desnuda as interconexões de atividades econômicas e relações de intimidade. Empréstimos de pais para filhos, presentes entre namorados, cônjuges e parceiros sexuais, ajuda remunerada nos cuidados de uma criança, disputa de herança entre filhos, transferência de dinheiro entre médicos e pacientes, relações afetivo-sexuais que conjugam dinheiro e companhia: uma miríade de situações expressas nos eixos do cuidado, da união e das famílias matiza o olhar de Viviana Zelizer.

Traduzido em 2011 e originalmente publicado em inglês com o título *The purchase of intimacy* (2005), o livro, em primeiro lugar, questiona a crença de que a vida humana se realiza em esferas separadas, nomeadas pela autora de "mundos hostis", que segregam amor e dinheiro, sexo e romance, trabalho e favores, no receio de que uma força contamine e/ou corrompa a outra. Tal esforço disjuntivo, que aqui é o foco da crítica, repousa nos pressupostos da economia neoclássica, a qual, por sua vez, distingue produção de reprodução, em uma batalha classificatória que nomeia aquilo que gera e o que não gera "valor de mercado". A par com esta primeira crítica central, a autora ainda aponta outros binarismos que cegam o colorido das interações, tais como: formal *versus* informal, impessoal *versus* pessoal, público *versus* privado. É no desvio destas conhecidas oposições que Zelizer empreende sua análise e se concentra na

transferência de bens, nos fluxos, nos usos do dinheiro e nas formas de pagamentos em conexão com diversas situações cotidianas e, sobretudo, íntimas.

É bom salientar antes de qualquer coisa que, ao falar de intimidade, não estamos tateando um sentido e um significado unívocos, mas antes nos situando diante de diferentes modos de se viver e de se gozar de intimidade, variantes em suas múltiplas qualidades morais, conflituosas e emocionais. O livro, portanto, refuta a aceção de intimidade quando somente relacionada à autenticidade e ao bem-estar. Uma antropologia desta intimidade polifônica ganha, assim, novo fôlego para prosseguir.

O seu chão empírico se estrutura desde a análise de processos judiciais no contexto norte-americano dos séculos XVII, XIX até situações mais recentes, como o evento do "11 de Setembro". Trata-se de situações de litígios, disputas, transmissão de heranças, indenizações, negociações entre patrões e empregadas, familiares, ex-cônjuges, cuidadores e beneficiários de cuidados. Ao analisar os desencadeamentos dos processos de justiça, Zelizer descortina a linguagem moral presente na narrativa dos atores e dos especialistas do Direito na atividade de analisar, julgar e criar categorias em face da vida cotidiana. Entretanto, o livro não se situa apenas na interface de leis e práticas, mas inclui também a análise de relatórios de indenizações de vítimas, consultorias sobre administração financeira e relacionamentos ético-profissionais. Nesta arena de disputas sociais "que transpiram vida", fica evidente a tensão entre relacionamentos considerados legítimos e ilegítimos. A suspeição acerca da transferência de bens, dinheiro e patrimônio é sempre suscetível a uma especulação sobre a verdade das relações, logo, sobre sua natureza, pureza e autenticidade.

Entretanto, Zelizer aposta que, além de divisões, existe igualmente a coexistência

de fluxos econômicos e íntimos que, em diversas situações, se complementam, se apoiam e engendram relações viáveis e ajustáveis, como partilhamento de cuidados, assistência a membros da família, distribuição de recursos, posições e ganhos profissionais – toda sorte de relações que exprimem uma base de *confiança* em que a ruptura dos laços prejudicaria não apenas a díade inicial, mas também os demais observadores e terceiros (aqui vale lembrar a fórmula de Georg Simmel). É verdade, portanto, que nesse entrelaçamento existem desconfortos possíveis. Gerir atividades econômicas junto a relações íntimas não é ação que esteja livre de constrangimentos, requerendo negociações, defesas, controles e crenças reveladores de poderes estruturadores de comportamentos.

É nesse sentido que a ideia de “trabalho relacional” é chave para a compreensão desses processos, sendo ao mesmo tempo uma atividade feita pelos agentes na composição de mundos híbridos que não desmerecem a preocupação das pessoas em separar uma coisa da outra e, também, um dispositivo analítico fecundo para acompanhar *como* as pessoas realizam seus mundos misturados e/ou apartados. É no trilhar deste *como* que o livro tem o seu ponto alto, ao oferecer possibilidades para destrinchar em que condições as pessoas organizam os seus sentimentos em conjunto com práticas econômicas e, em especial, com fluxos de dinheiro e pagamentos.

Nesse sentido, o livro abre uma janela para pensar situações contemporâneas envolvidas ainda em interditos classificatórios, controvérsias e estigmas, a saber, o trânsito de afeto e economia nas uniões estáveis, nas famílias recompostas, nos filhos de outras uniões e nas relações e famílias homoafetivas. Falar destas transações traz à tona um tema clássico da antropologia, aquele relativo às obrigações mútuas derivadas das relacionalidades que as pessoas criam, recriam e refazem.

Aliás, não se trata apenas da inserção do dinheiro nas relações íntimas, mas antes da forma como ele é usado, do meio de negociação e do sentido e da propriedade atribuídos a este agente. Importa acompanhar em que situações as pessoas combinam transações econômicas e relações íntimas e que consequências derivam dessas escolhas e/ou obrigações. Ademais, a proposta consiste em levar a sério as narrativas de justificação para o apartamento ou a fundição das “vidas conexas”, e que tipo de linguagem é plausível em determinados contextos íntimos atravessados por pagamentos e usos de dinheiro. Este é, sem dúvida, mais um dos exercícios que o livro nos propõe.

A obra de Zelizer não deixa de reavivar duas outras publicações suas: *The social meaning of money* e *Princing the childless*, leituras presentes nas bordas das páginas e que conformam um solo seguro para a apresentação das ideias aqui evocadas. Também é evidente a contribuição deste livro (como outras obras da autora) para aqueles que se interessam por relações de cuidado, aquelas relativas ao “ficar com” alguém. Ora, em meio a afirmações sobre a forma como processos de globalização solapam atividades de cuidado ou denúncias sobre “a crise do *care*”, estes estudos revelam justamente o contrário, que é na atualidade de fluxos migratórios e de instabilidade econômica que remessas de dinheiro entre países pobres e ricos são movimentadas e que o trânsito de pessoas se dá tendo como um dos pontos de tensão as relações íntimas, de cuidados e de “ajudas”.

Podemos então nos perguntar para que serve, afinal, a ilusão de que o pagamento de cuidados corrompe a esfera idealizada e afetiva das obrigações familiares? Pensar um lugar no qual o Estado, através de suas administrações, vai ou não se responsabilizar pelo cuidado de crianças, doentes e idosos é o grande grito de sociedades atentas aos meios de distribuição

entre usos do tempo, trabalho, gênero, classe e geração. O reconhecimento das atividades de cuidados na vida cotidiana é aquilo que permite encontrar o seu valor nas relações. E o pagamento do trabalho de cuidar, em muitas situações, não deteriora relações afetivas, sentimentais e de proximidade, ao contrário, possibilita o encontro de ajustes menos assimétricos.

Não é a toa que o terreno empírico para desconstruir certos tabus é o da prostituição. Para Zelizer, nem todos os encontros de pagamentos com atividades sexuais, trocas e exercício da afetividade são expressões de mercantilização. De dominação ao fim e ao cabo. O livro interroga, pois, esta afirmação enquanto absoluta. Amor e sexo como entidades opostas operam para fins de manutenção do ideário romântico. O sexo mediado por dinheiro, visto puramente como violência ou comércio, ofusca a existência de muitas formas de agenciar o corpo que não se resumem somente à sexualidade. Entretanto, o argumento não cede a um relativismo culturalista acerca das distintas noções e usos das corporalidades, e lembra que existem, sem dúvida alguma, determinados contextos e práticas sociais nas quais relações sexuais e de prostituição estão sujeitas à exploração, às desigualdades e a inúmeras violências. É nesse sentido que algumas divisões ainda são importantes, a exemplo das situações de "assédio sexual" tão silenciadas em contextos profissionais. Em suma, ao dar lugar a outros sentidos da experiência humana nos quais nem tudo passa por dominação e corrupção moral, o pensamento de Zelizer não pretende negar tais realidades, mas antes complexificá-las.

Finalmente, se no cenário político e jurídico internacional é cada vez mais crescente a aglutinação de coletivos que se agenciam em torno de direitos e reivindicam indenizações – como vítimas de guerras, da transmissão de doenças entre países (como é o caso do

cólera no Haiti), de ataques como o "11 de Setembro", de impactos ambientais de grandes obras ou acidentes químicos provocados por indústrias multinacionais – a entrada do dinheiro como forma de compensação de uma dor e de um dano causado não pode apenas ser apreendida a partir da visão do ganho e do lucro mas, ao contrário, serve para imaginar que tipos de restituições e compensações podem ser feitas através e além do dinheiro.

É verdade que a leitura do livro é capaz de suscitar críticas, que o argumento de Zelizer pode parecer um manifesto contra as divisões tão fundamentais à permanência de certas estruturas, que as relações são resumidas a uma esfera do "pague e leve", e que amor, sentimentos, trocas e solidariedades sempre são passíveis de ser capturados como mercadoria dentro de uma Grande Economia que corrompe laços sociais eminentemente puros. Porém, os exemplos evocados no livro evidenciam que a entrada do dinheiro em muitas situações não anula nem corrompe as relações sociais, e que a força de combinações não pagas, de ajudas e reciprocidades é sempre viva e atuante.

É por estes motivos que temos agora traduzido para a língua portuguesa um livro corajoso que não deixa de exprimir um tom político: o de dizer que dádivas coexistem com atividades econômicas em muitos recantos do globo, não sendo de modo algum presas fáceis do utilitarismo, do espírito calculista e racional. Aliás, o argumento vai ao encontro dos ensinamentos de Alain Caillé e do MAUSS (Movimento Antiutilitarista nas Ciências Sociais) em seus múltiplos exemplos de recomposição do mundo através de matrizes relacionais de dádiva. Resta à antropologia acompanhar o *como* as pessoas fazem suas divisões, combinações e misturas, tarefa mais do que empolgante para todos aqueles que desejam se aventurar na potência dos "mundos conexos".